O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratizacão mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano V | Volume 13 | Nº 38 | Boa Vista | 2023

http://www.ioles.com.br/boca

ISSN: 2675-1488

https://doi.org/10.5281/zenodo.7859580

BOLETIM DE CONJUNTURA

www.ioles.com.br/boca

O "CIDADÃO DE BEM" E A NARRATIVA DA CONSTRUÇÃO DE GOLPE CONTRA O ESTADO DEMOCRÁTICO DE DIREITO NO BRASIL

Ronualdo Marques[1]

Resumo

Este ensaio apresenta e discute-se alguns dos elementos que mostram a presença do fascismo por meios de táticas e mecanismos de grupos a favor de um golpe de estado que se coadunam como conservadores, nacionalistas e da extrema-direita. Nesse sentido buscou tratar esse movimento como sendo um golpe político, jurídico e midiático contra o estado democrático de direito. As principais observações apontam para uma efetiva contribuição da mídia hegemônica brasileira no processo de legitimação do Golpe de 2016 e no fomento de ideias sobre a farsa da operação lava jato contrapondo-se a eleição de um partido de esquerda. A discussão sobre o fascismo sempre esteve presente no âmbito da política institucional e da construção do debate político nos espaços de formação e de convívio social. Em tempos atuais, num período histórico de retrocessos sociais, é visto a ascensão das práticas fascistas ganhando notoriedade em todos os espaços possíveis. Dessa forma, é preciso discutir o papel dos parlamentares e de movimentos sociais para com a superação desse movimento político antidemocrático e buscar compreender e superar o fascismo para que possamos construir outros horizontes civilizatórios.

Palavras Chave: Democracia; Fascismo; Política; Pós-Verdade.

Abstract

This essay presents and discusses some of the elements that show the presence of fascism through the tactics and mechanisms of groups in favor of a coup d'état that are conservative, nationalist, and far-right. In this sense, it sought to treat this movement as a political, legal, and media coup against the democratic rule of law. The main observations point to an effective contribution of the Brazilian hegemonic media in the legitimization process of the 2016 coup and in the promotion of ideas about the farce of the lava jato operation, opposing the election of a leftist party. The discussion about fascism has always been present in the scope of institutional politics and the construction of political debate in training and social interaction spaces. In current times, in a historical period of social setbacks, we can see the rise of fascist practices gaining notoriety in all possible spaces. Thus, it is necessary to discuss the role of parliamentarians and social movements to overcome this anti-democratic political movement and seek to understand and overcome fascism so that we can build other civilizing horizons.

Keywords: Democracy; Fascism; Politics; Post-Truth.

INTRODUÇÃO

Vimos desde as eleições eleitorais de 2010 com a vitória eleitoral de Dilma Rousseff, intensificado em 2014 com sua reeleição a aspiração de grupos concernentes aos ideários fascistas, a qual buscaram dar como legitimidade as manifestações e ataques a democracia com o Impeachment da Presidenta Dilma Rousseff em 2016 e posteriormente com enredo na política com a eleição de Jair Messias Bolsonaro como salvador da pátria.

O ressurgimento destes grupos que se alinham as ideologias antidemocráticas mostra a relevância do debate entorno do fascismo que está em voga desde os tempos remotos de nossa história marcada pelo rastro da desigualdade social, do conservadorismo, patriarcalismo, nacionalismo,

[1] Pedagogo. Doutorando em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: ronualdo.marques@gmail.com

integralismo e de outras mazelas sociais que estão intrínsecas “a um projeto de civilização sob a rubrica do capital, visto a ascensão de sua política totalitária e sua pedagogia da dominação e da eliminação” (SOUSA JÚNIOR; PINTO, 2020, p. 125). “O fascismo e o capitalismo tornaram-se aliados práticos [..]” (PAXTON, 2018, p. 338). As formas do fascismo contemporâneo estão em conexão com a arquitetura do pensamento da extrema-direita como uma alternativa de consolidação de sua política e pedagogia.

Dessa maneira, esse estudo tem por objetivo analisar criticamente a conjuntura de grupos com ideários fascistas a partir da narrativa do nacionalismo, conservadorismo como ideologia da extrema direita e o papel das fake news e da mídia hegemônica como instrumentadores da polarização para ascensão de manifestações antidemocráticas e contra o estado democrático de direito.

METODOLOGIA

O objetivo deste estudo foi buscar fundamentos a partir da revisão de literatura os mecanismos e táticas fascistas por grupos denominados de extrema direita, nacionalistas e ultraconservadores na busca incessante de ruptura institucional para um golpe de estado. Nesse cenário, buscou evidenciar o papel da mídia hegemônica e o como as redes sociais tiveram notoriedade sobre o desempenho desses na difusão de fake news e fomentados por parlamentares e intelectuais que coadunavam com as ideias e anseios destes para o enfraquecimento das instituições nacionais afim de alcançar uma ruptura institucional a partir de um golpe de estado. Assim a pesquisa tem sua,

> Tomada num sentido amplo, pesquisa é toda atividade voltada para a solução de problemas; como atividade de busca, indagação, inquirição da realidade, é a atividade que vai nos permitir, no âmbito da ciência, elaborar um conhecimento, ou um conjunto de conhecimentos, que nos auxilie na compreensão desta realidade e nos oriente em nossas ações (PÁDUA, 1997, p. 29).

Para cumprimento do objetivo proposto foi adotada estratégia metodológica qualitativa, utilizando-se a técnica de levantamento e análise documental (CALADO; FERRERA, 2015). A pesquisa qualitativa, segundo Higgs; Cherry (2009) refere-se a avaliações e interpretações críticas e qualitativas da temática em análise.

OS MECANISMOS E TÁTICAS FASCISTAS NO BRASIL

Bernardi e Morais (2021, p. 307) *apud* Stanley (2019) destacam que a política fascista inclui muitas estratégias, tais como: o passado mítico, propaganda, Anti-intelectualismo, irrealidade, hierarquia, vitimização, lei e ordem, ansiedade sexual, apelos à noção de pátria e desarticulação da união e do bem-estar público.

Estes grupos preconizam a ideia de um **passado mítico** ao evocar um passado puramente mítico que foi tragicamente destruído. Este passado mítico pode ser religiosamente racialmente e culturalmente puro. Nessas táticas fascistas convocam uma versão extrema da família patriarcal, enfatizam que o passo mítico é uma era de glória nacional, guerras de conquista lideradas por generais patriotas e um exército cheio de guerreiros leais. E justificam que o passado mítico desapareceu devido à humilhação causada pelo globalismo, pelo cosmopolitismo liberal e pelo respeito a "valores universais" como a igualdade, que dizem enfraquecer o Estado. Estes apoiam-se em ideologias autoritárias e hierárquicas.

Outra tática fascista utilizada por estes, são o uso da **propaganda**, em que a propaganda política funciona mascarando os objetivos e ideias questionáveis de um político ou movimento político com ideais amplamente aceitos, utilizam linguagem nobre e virtuosa e com isso, promovem falsas alegações de corrupção enquanto se envolve em práticas corruptas e paralelamente faz uma vigorosa campanha anticorrupção.

Outra prática constante e a tática do **Anti-intelectualismo**, a qual buscam minar o discurso público atacando e menosprezando a educação, o conhecimento, a ciência e a linguagem e se apoiando em intelectuais que corroboram com as convicções do grupo. Para estes grupos as escolas devem educar os alunos sobre a cultura dominante e seu passado mítico, contudo possuem uma crítica a educação pois esta é percebida como uma ameaça ao fascismo. Nesse sentido, buscam de todas as formas depreciar a credibilidade das universidades e instituições com vozes dissidentes independentes até que sejam substituídas por meio da mídia e universidades que rejeitem essas vozes por acreditar que as universidades e instituições de ensino realizam uma doutrinação marxista e acreditam que o objetivo da educação geral nas escolas e universidades é incutir orgulho em um passado mítico e que preguem os valores da família tradicional e conservadora.

Dessa maneira, ainda se inserem num estado de **irrealidade** em que substitui o debate racional pelo medo e pela raiva por aqueles que pensam e agem ao contrário aos seus preceitos pois geram uma sensação de perda e desestabilização, um poço de desconfiança e raiva contra aqueles que são ditos como responsáveis pela perda. Acreditam na troca da realidade pelas declarações de uma única pessoa, propagadas por mentiras óbvias e repetidas condizente como parte do processo de destruição da informação. Dessa forma, mente de forma inconsequente sempre acusando que a mídia não mostra a realidade dos fatos. Apresentam teorias da conspiração (principalmente elevando o anticomunismo). Desacreditam a mídia liberal e sugerem comportamento mentiroso da mídia e meios de comunicação e com isso abala a confiança na imprensa e nas universidades e diante desse cenário, os políticos se apresentam como defensores de valores democráticos, mas não são.

A hierarquia como tática e mecanismo fascista inculca que a natureza impõe hierarquias de poder e dominação, diametralmente opostas ao respeito à igualdade. Entretanto, a hierarquia é uma forma de ilusão popular, e os políticos representam os mitos que a legitimam como fatos inalteráveis e imutáveis. Nessa hierarquia a lei natural supostamente prioriza os homens sobre as mulheres, reforçando a crença de que existem diferenças genéticas entre grupos nas habilidades cognitivas ou na capacidade de controlar seu próprio comportamento, especialmente entre sexos, raças e etnias.

Outro mecanismo constante utilizado é a **vitimização**, em que a ascensão de minorias é vista, como uma ameaça por grupos dominantes. Vê-se está vitimização dos grupos dominantes frente a perspectiva de ter que dividir cidadania e poder com grupos minoritários é amplamente usada pelos políticos fascistas. A propaganda fascista apresenta normalmente hinos pungentes diante do sentimento de angústia que acompanha a perda do *status* dominante. Está tática fascista do senso de vitimização é usado para justificar formas de opressão passadas, presentes e novas. Desse modo, a política fascista encobre a desigualdade estrutural, tentando inverter, deturpar e subverter o longo e difícil esforço para enfrentá-la. Esses líderes fascistas usam um senso de vitimização coletiva para criar um senso de identidade de grupo que é inerentemente oposto ao *ethos* cosmopolita e ao individualismo da democracia liberal.

Outro subsídio de tática fascista por esses é a instalação da **lei e ordem**, em que se apoiam na retórica fascista da lei e da ordem com intuito de dividir claramente as pessoas em duas categorias: aqueles que fazem parte da nação, aqueles que cumprem a lei por natureza e aqueles que não fazem parte da nação, que são verdadeiramente fora da lei. Dessa forma, na política fascista, mulheres que não se conformam com os papéis tradicionais de gênero, indivíduos de qualquer cor, homossexuais, imigrantes, "cosmopolitas degenerados" e aqueles que não aderem à religião dominante violam a lei e a ordem por sua própria existência. É frequentemente utilizado em discussões os termos como 'criminosos', para abranger tanto aqueles que cometem diversos homicídios por prazer quanto aqueles que cometem infrações de trânsito, ou “tumulto” para descrever um protesto político, mudam atitudes e moldam a política.

Nesse contínuo, a **ansiedade sexual** como tática fascista se dá na demagogia de um pai da nação e/ou patriarcal, então qualquer ameaça à masculinidade patriarcal e à família tradicional enfraquece a visão fascista de força. Os fascistas promovem o medo da mistura inter-racial, destruindo as nações puras. Pessoas trans e gays estão acostumadas a aumentar a ansiedade e o pânico sobre as ameaças aos papéis masculinos tradicionais e constantemente reafirmam que o aborto é apresentado como uma ameaça à liberdade da criança, sem qualquer parâmetro científico ou visando as questões de saúde e segurança.

Outro exemplo de tática fascista utilizada por estes é que **o trabalho liberta** (slogan de entrada de Auschwitz e Buchenwald), acreditam que em tempos de crise e necessidade, o estado apoia seus membros eleitos, não "eles" e não "nós", fortalecendo a diferença entre “nós” e “eles” com base “num passado fictício romantizado, em que há “nós”, mas não “eles”, e num ressentimento em relação a uma elite liberal corrupta, que se apropria de nosso suado dinheiro e ameaça nossas tradições” (STANLEY, 2018, p. 178). A justificativa é que "eles" são preguiçosos, carecem de ética e de trabalho e não podem receber financiamento do Estado, reafirmam que “eles” são criminosos e querem viver apenas da generosidade do Estado. E dessa maneira, fazem dura oposição e críticas aos programas de política sociais e ainda reforçam racismo e a crença de que os pobres são preguiçosos. Nesse contexto, defendem os valores do individualismo e da autossuficiência como ideal de trabalho duro contra a preguiça e ainda fazem repressão e opressão constantemente contra os sindicatos.

A ameaça do fascismo à democracia e à igualdade social fica mais clara a partir dessas táticas e mecanismos fascistas voltados para a obtenção e manutenção do poder, uma vez que a base do fascismo é o enfraquecimento dos valores democráticos e a promoção dos valores tradicionais, bem como a exclusão e igualdade social. promover a intolerância para com as minorias. Em maior ou menor grau, muitos países estão vivenciando a ascensão de movimentos fascistas, o Brasil está nesse movimento e onda fascista em que determinados grupos assumem isso como causa legítima para os seus atos e ações.

A CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA E ANSEIO NA TENTATIVA DE UM GOLPE DE ESTADO

Constatou-se que em 2010, com a entrada da presidenta Dilma Rousseff na presidência da república uma expressiva parcela do eleitorado se dizia se afirmar a ala conservadora e politicamente de direita, opondo-se a qualquer ação presidencial com base em critérios puramente misóginos., expressando assim o espírito patriarcal dominante, o machismo pautado pela negação da visibilidade e presença política efetiva da mulher na esfera pública, além de acusar incansavelmente sobre uma possível instalação do comunismo no Brasil, principalmente quando as políticas públicas atendia as pretensões de eliminar as necessidades sociais dos mais necessitados e desassistidos pelo poder do estado. Cabe ressaltar que o fenômeno conservador se “constituiu como corpo de ideias ou doutrinas, ou seja, de ideologias, ou na forma de práticas de coerção ou repressão” (SILVA, 2022c, p. 2).

No mesmo cenário, vimos grupos ou bolhas que se definem como pertencentes a ala conservadora e/ou pertencente a ideologia de direita na política utilizar as mídias entre televisão, rádio, internet via redes sociais como *Twiter, Facebook, Telegram, WhatsApp* entre outros, tratar de maneira

ofensiva a Presidente Dilma Rousseff. Nessa mesma escalada de ataques foi notável papel dos jornalistas da mídia hegêmonica golpista, que se utilizam de discursos fundamentados por ideólogos fascistas e manifestando nos inescrupulosos parlamentares da extrema-direita representantes dos interesses empresariais e desses grupos que se coadunavam com a narrativa construída ao se referir a Presidenta Dilma Rousseff, ao seu governo e ao PT, levando o processo de impeachment da presidenta Dilma Rousseff, em 2016, como um Golpe de Estado como foi chamado por Silva (2019), Sousa (2016), Silva (2020), Martuscelli (2020). Em virtude dos episódios criados pela farsa parlamentar, judicial e midiática, desde seu primeiro mandato, em sintonia com movimentos ditos antipartidários que posteriormente tiveram seus membros inseridos em pleitos eleitorais (SILVA, 2020, p. 102).

Pode-se entender que a mobilização pró impeachment não é "organicamente formada através da sociedade civil", mas foi um fenômeno influenciado pelo capitalismo de laços, mas como "uma rede diversa de contatos e alianças para fins políticos e econômicos" (SENHORAS, 2022, p. 21). Senhoras (2022, p. 23) reitera que as "classes mais fragilizadas, também atingidas pelos desgastes da economia nacional, ficaram alienadas do debate feito pelas elites no que concerne ao enfrentamento ao governo e a organização dos movimentos".

Para Goodspeed (1966, p. 14), o golpe não é apenas uma ação de força, afinal "ele se baseia na vida política, social e econômica da sociedade em que ocorre, e é preciso conhecer esse conjunto de fatores para entendê-lo". Por isso, segundo Silva (2020) *apud* Goodspeed, em qualquer golpe de Estado é preciso levar em conta as simpatias das forças armadas da nação, a opinião pública e a situação internacional, mas "o requisito mais importante para o sucesso da intentona é o apoio das forças armadas ou, pelo menos, a sua neutralidade" (SILVA, 2020, p. 134 *apud* GOODSPEED, 1966). Contudo, ainda que para Goodspeed seja menos importante do que o apoio ou neutralidade dos militares, a opinião pública é um fator essencial, na medida em que "nenhum governo pode funcionar a longo prazo sem um mínimo de apoio e cooperação popular" (SILVA, 2020, p. 134).

Nessa tessitura, a mídia hegemônica ajudou a construir um país em que o voto não vale mais e fomentava "um avilte contra a dignidade existencial da Presidente Dilma Rousseff, reificada ontem e hoje pela cultura fálica, ameaçada pelo progressivo empoderamento feminino e sua participação ativa em todos os cenários da vida social" (BITTENCOURT, 2016, p. 46).

Nesse contexto esses grupos com ideários entorno do fascismo vem ganhando nova fasces na atualidade, sendo saudado e justificado pela extrema-direita brasileira que desde a eleição da Presidenta Dilma Rousseff ocupam as ruas em prol de um projeto de sociedade baseada na legitimação da força, do autoritarismo e de outras políticas de repressão social, além de despertar crimes de ódio na internet envolvendo racismo, LGBTfobia, xenofobia, neonazismo, misoginia, apologia a crimes contra a vida e

intolerância religiosa". O aumento destes crimes indica "um fluxo unívoco de ideias está sendo injetado no ideário social em torno de um adversário comum: "a diferença". No limite, esses comportamentos radicalizados e violentos tendem a se manifestar no mundo real" (BATISTA, 2022, p. 19).

De maneira crítica e reflexiva, vimos que nesses últimos anos as milícias começaram a ganhar notoriedade na sociedade brasileira a partir de um conjunto de elementos da política reacionária como um dos desencadeadores das faces do fascismo no Brasil. "É a partir do ataque das milícias que o fascismo ganhou visibilidade" (SOUSA JÚNIOR; PINTO, 2020, p. 131). A expansão das milícias é uma expressão grave do crescimento gradativo da política reacionária que vem se estruturando desde 2013 e ganhando legitimidade a partir de 2018. Trata-se da busca de uma dominação violenta sobre os corpos das minorias e do controle de suas mentes. A força, o ódio, o autoritarismo e os pressupostos teóricos baseados no militarismo são as principais características de atuação desse grupo fascista. O fascismo objetiva a dominação, o silenciamento de pedagogias e de identidades e a formação de milícias é um movimento de massas que surge para conter a luta coletiva de emancipação social e para intimidar e desencorajar a luta antifascista. Assim, a milícia é uma face hostil do fascismo que objetiva esmagar o movimento operário de forma violenta.

De maneira crítica e ponderada temos na sociedade brasileira um conjunto de elementos da política reacionária, mostrando a face do fascismo e observou-se que as milícias deram notoriedade e se firmaram diante de narrativas construídas conjuntamente com o pensamento conservador, reacionário, racista, homofóbico etc. A expansão das milícias é uma expressão séria do crescimento gradual da política reacionária que vem ganhando forma desde 2013 e ganhando legitimidade desde 2018. É um esforço para dominar violentamente os corpos das minorias e controlar suas mentes. Força, ódio, autoritarismo e pressupostos teóricos baseados no militarismo são as principais características desse grupo fascista. O fascismo tem como foco a dominação, o silenciamento da pedagogia e das identidades, e a criação de milícias é um movimento de massas que surge para reprimir a luta coletiva pela emancipação social e para intimidar e desestimular a luta antifascista.

Uma das evidências que mostra o crescimento por atos e manifestações antidemocráticas caracterizado por grupos com reações e convicções fascistas, entre outras no Brasil se deu pelo "crescimento da popularidade de lideranças políticas reacionárias, especialmente Jair Bolsonaro" (SILVA, 2022a, p. 26). A proximidade de Bolsonaro com um tipo de fundamentalismo religioso permite sublinhar a contraposição, tão cara às milícias virtuais alinhadas ao presidente, entre o "vagabundo" e o "pai de família". Essa polaridade revela a intenção das hostes bolsonaristas de purificar violentamente a nação de seus "inimigos". Tal como o bordão deixa claro ("Brasil acima de tudo, Deus acima de todos"), a saída para acabar com a sangria do país, causada pela corrupção, crise na segurança pública e

avanço do globalismo comunista, envolve colocar uma suposta homogeneidade nacional acima de quaisquer outras identidades e compromissos, respeitando seu pilar fundamental —a religião cristã—, algo que vai ao encontro das tradições do fascismo à brasileira (SINGER *et al.*, 2020).

Cabe destacar que Jair Bolsonaro (PSL-RJ), durante o processo eleitoral de 2018, direcionou sua campanha ao uso amplo de símbolos pátrios. Com o *slogan* de campanha "Brasil acima de tudo. Deus acima de todos", Bolsonaro deu o tom conservador ao pleito eleitoral. O então candidato visava a uma aproximação com o eleitorado a partir de um discurso nacionalista e patriótico e longe de qualquer ato de corrupção. Bolsonaro surgiu aos olhos do grande público num contexto de congresso conservador" (CIOCCARI; PERSICHETTI, 2019, p. 137).

Nesse contínuo, Silva (2022a, p. 26)) aponta que de forma mais difusa desses contextos, passou pela "proliferação de ideias conservadoras, que se manifestaram, entre outras formas, nas posições de ódio contra as esquerdas e no crescimento de um moralismo religioso que defende a chamada "família tradicional"", nesse cenário Bolsonaro emitiu inúmeras declarações polêmicas, "voltadas ao conservadorismo, à autopreservação do clã e o ataque aos que se opõem a suas políticas e a sua forma de pensar. Cria-se, ainda, a ideia de que há sempre um inimigo a ser combatido" (CIOCCARI; PERSICHETTI, 2019, p. 138).

Nesse mesmo cenário viu-se crescer significamente os fenômenos das *fakes news e* pós-verdade no Brasil pela disseminação em massa em grupos de *whattsApp* entre outras redes de acordo com o Tribunal De Justiça Do Paraná (TJPR, 2020). Nessa bolha de sujeitos que consentiam e concordavam, o conservadorismo do qual Jair Bolsonaro alimentava tornou-o o maior expoente no Brasil, a qual utilizou como estratégia, "o valor político, o discurso do medo como uma estratégia de poder a fim de obter a obediência num sentido de que ´guerra é paz´" (CIOCCARI; PERSICHETTI, 2019, p. 138).

Observa-se que o fenômeno da pós-verdade e das *fake news* está intrinsicamente ligado a uma refutação da ciência e uma aceitação de discursos inflamados por preconceitos, intolerâncias e táticas de uso de caos e confusão como forma de manipulação da sociedade civil e da opinião pública, lançando mão de manobras populistas e extremistas (KAKUTANI, 2018, p. 189-191). Cabe pontuar que as fakes news são utilizadas por diferentes partidos do espectro direita-esquerda, porém tem encontrado mais legitimidade dentro dos candidatos populistas de extrema direita (D'ANCONA, 2018).

Cavalcante (2020, p. 121) afirma que esses grupos conservadores e de extrema-direita sufragaram um candidato que, de maneira aberta e declarada, defendeu ardorosamente a ditadura militar no Brasil e as práticas da tortura contra seus oponentes; prometeu criminalizar organizações de esquerda (em especial as bases sociais dos governos por ele chamados de "socialistas", isto é, PT, CUT e MST; comprometeu-se com a aprovação de excludentes de ilicitude para atos de repressão das forças policias

– na prática, licença para matar –, liberação do porte e posse de armas em nome da defesa da propriedade e questionou mecanismos eleitorais vigentes, bem como instituições da democracia liberal.

O terceiro aspecto tem relação com o fato de esse conservadorismo e essas ideias difundidas por Jair Bolsonaro se manifestou no crescimento de organizações militantes, em especial em grupos como "MBL" e o "Vem para a Rua" e ganhando adesão de mídias que iam a favor das ideias incitadas por Jair Bolsonaro, e até mesmo no reaparecimento de ideias de extrema direita que marcaram outros momentos históricos, como o integralismo e o nazismo. Esses mesmos movimentos em prol da intervenção militar, faziam com que suas ideias fossem disseminadas para milhões de usuários desses sistemas, algo que criou um sentimento de protagonismo a sujeitos cujo ativismo era antes relativamente circunscrito a suas redes familiar e profissional (CAVALCANTE, 2020, p. 124).

Cavalcante (2020) afirma que mesmo diante desse cenário dificilmente haveria êxito eleitoral de Bolsonaro em 2018 sem um caminho de legitimação com verniz "racional-legal" pavimentado de modo estratégico pelas medidas de exceção tomadas pela Operação Lava Jato, liderada pelo então juiz de primeira instância, em que depois foi catapultado a ministro da Justiça, Sergio Moro, revelando-se ou clarificando a utilização do aparelho ideológico do estado para validar o esquema golpista e político para que Luiz Inácio Lula da Silva não fosse eleito presidente do Brasil em 2018 e elevar Jair Bolsonaro como líder e presidente do Brasil.

Contudo, notou-se que a retórica utilizada se assemelhava com os ideários fascistas e nazistas dessa ala que tinham objetivos claros desde o golpe da Presidente Dilma Rousseff em torno desse projeto com apoio da mídia, sociedade civil e representantes da política no Brasil. Bittencourt (2016) reitera que toda essa narrativa se deu de

> forma virulenta, violenta, histriônica, moralista, e não se cansa em eleger "inimigos" (reais ou imaginários) como os culpados pelos problemas que assolam a sociedade, quando em verdade são os próprios fascistas os problemas efetivos que degradam a vida humana. Os defensores do golpismo político se caracterizam pelas disposições histéricas em suas falas e gestos, atuando como possuídos por forças sobrenaturais, revirando seus olhos, gritando escandalosamente, babando raivosamente, dentre outras cenas escabrosa BITTENCOURT, 2016, p. 46).

Nesses ares da política nacional fortaleceu-se a "inserção da direita e da extrema-direita mundiais em funções políticas, seja em cargos governamentais e parlamentares, seja na direção de partidos políticos e movimentos sociais" (BARROCO, 2022, p. 1). Esse movimento orquestrado na política nacional criou uma crise estrutural do capital e desenvolvendo-se sob formas particulares com pressão do mercado, na qual houve a articulação política por ideologias que resgatam os ideários fascistas, nacionalismo integralista e se objetivam em novas combinações, a exemplo do neofascismo e do neoconservadorismo. Contudo, o fascismo, ainda que tenha crescido, "se resume a pequenos grupos

que não ganharam espaço no poder estatal, o qual tem suas próprias ferramentas jurídicas e legislativas para reprimir e controlar eventuais ações que ameacem a ordem política e social" (SILVA, 2022b, p. 3)

Contudo para compreender o conceito de fascismo e neofascismo no ideário desses grupos presentes no Brasil, é necessário mobilizarmos outras distinções conceituais.

> [..] o fascismo é uma das formas ditatoriais do Estado capitalista, mas essa forma supõe a existência de uma ideologia, a ideologia fascista, e tal forma de Estado somente se torna realidade se houver um movimento social, o movimento fascista movido pela ideologia fascista, que assuma a luta para a sua implantação. Os fascistas também fazem cálculos táticos. Eles podem, numa determinada conjuntura, abrir mão ou postergar a luta pela implantação de uma ditadura fascista. [...] Pois bem, no Brasil de hoje temos a ideologia neofascista, o movimento neofascista, um governo no qual os neofascistas disputam a hegemonia com o grupo militar – esse último apegado a um autoritarismo mais propenso a outro tipo de ditadura – mas não temos um regime político fascista – o que temos é uma democracia burguesa deteriorada e em crise (BOITO JR, 2019, p. 4).

Neste cenário o neoconservadorismo e os ideários neofacistas consistem na junção entre os valores do conservadorismo moderno e os princípios do neoliberalismo. Do conservadorismo clássico, preservam-se a tradição, a experiência, o preconceito, a ordem, a hierarquia, a autoridade, valorizando-se as instituições tradicionais, como a igreja e a família patriarcal (BARROCO, 2015).

A polarização na política brasileira vem sendo fortemente assistida e fomentada pelas redes sociais, e dividi internautas em grupos com posicionamentos bastante distintos, viu-se que algumas dessas táticas se expressam também no fortalecimento das *fakes news,* nos linchamentos em redes sociais, bem como na constante produção de dúvidas com relação a consensos já há muito enraizados.

A existência de diferentes ideologias é normal em um Estado Democrático de Direito. Consequentemente, de antemão, não deveria haver problemas. Porém, no ambiente online, controvérsias desrespeitosas são cada vez mais comuns, tornando a polarização um verdadeiro conflito entre grupos, famílias, amigos e pessoas de contato diário. Isso cria as chamadas bolhas sociais, onde cada indivíduo só entra em contato com opiniões, notícias, artigos, vídeos e imagens que reforçam suas crenças. Diferentes pontos de vista, por outro lado, têm uma pequena chance de estourar essa bolha. O resultado é que todos consolidam e reforçam suas ideias pré-existentes e ficam mais certos de que estão certos em seus juízos e/ou julgamentos. As opiniões divergentes tornam-se cada vez mais bizarras, absurdas e, na maldade das hipóteses, inaceitáveis.

As consequências da polarização política são prejudiciais ao funcionamento da democracia. Alguns dos efeitos da polarização na democracia são o impasse legislativo, a baixa produtividade do Congresso Nacional e a paralisia do governo incapaz de aprovar reformas e leis. Não é de estranhar que a democracia vá além do voto, exige o respeito pelas regras comuns, o reconhecimento da legitimidade

dos adversários, a tolerância e o diálogo. A polarização excessiva prejudica todos esses aspectos. Numa sociedade centrada em dois lados radicalizados, os adversários são vistos como inimigos, o diálogo não é incentivado ou mesmo condenado.

Jair Bolsonaro ascendeu ao poder pelas vias democráticas apoiado por grupos que acolheu essa narrativa e também pela política de extrema-direita, contudo, foi através da imagem que se constituiu, simultaneamente, como efeito e instrumento (FOUCAULT, 2006, p. 111) das correlações de forças reativas que permanecem capturando (e parasitando) o Estado e suas instituições, a título de crítica da velha política e de seus mecanismos. Há muito, temos notado: a extrema-direita, que depois do fim à brasileira da ditadura, envergonhava-se ou permanecia em silêncio, após a eleição de Jair Bolsonaro percebeu-se que estes tinham um representante para continuar peitando a democracia, matando democratas, porque se acha protegida pelo indivíduo na presidência e pelos comandos policiais.

A mais sistemática defesa dessa ala golpista se dá em torno do discurso da defesa dos valores e princípios que se concentram na tríade entre "Deus, Pátria e Família" e no plano ideológico, esses grupos fascistas golpistas se ufanam e usurparam das cores da bandeira nacional como proprietários autoritários em um plácido sonho verde-amarelo e chacoteiam a todo momento contra o vermelho que representa a maioria dos partidos da esquerda ou movimentos sociais. Essa tríade "Deus, Pátria e Família" defendida como causa por essa ala conservadora golpista, são lemas de triste memória adotado pelos fascistas golpistas ultraconservadores no país na busca incessante para instaurar o terreno da Ditadura Militar.

Contudo Bittencourt (2016, p. 45) afirma que esse ""Deus" defendido pela consciência reacionária, excludente das demais expressões divinas", visto que o Brasil é constitucionalmente um Estado laico, ou seja, deve adotar uma posição neutra no campo religioso, buscar a imparcialidade nesses assuntos e não apoiar ou discriminar qualquer religião, esse discurso em torno da religião aponta um "Deus" que representa as forças polarizadas da divisão e da exclusão social. Bittencourt (2016) assevera que

> Essa "Pátria" é a expressão ufanista do espaço vital, qual o sujeito deve total devoção, onde deve amá-lo ou deixá-lo. Tal "Pátria", contudo, é continuamente violada pelo imperialismo estrangeiro, não obstante a pretensa defesa dos interesses nacionais realizada pelas hordas fascistas (BITTENCOURT, 2016, p. 45).

A "Pátria" desses grupos com ideários fascistas deve ser destinada apenas aos "cidadãos de bem" numa distinção da polarização criadas por eles, excluindo dos seus direitos os negros, os índios, os pobres, e outros grupos sociais que não estão alinhados as falácias a quais estes acreditam e defendem, inclusive defendem que esses grupos sejam eliminados fisicamente pela ação violenta das tropas

policiais, quando conveniente. Essa "Família" é biparental, atribuída como a única válida, em que a mulher acaba por ser relegada a um papel de submissão ao poder patriarcal sob domínio do homem, onde o homem muitas vezes recorre aos prazeres sexuais em relações extraconjugais para alcançar a satisfação pessoal esperada e demarcar toda e qualquer autoridade sobre sua vida, relação, família e sociedade.

Bittencourt (2016) assevera que o discurso nacionalista por trás destes grupos em manifestações "faz do verde a celebração idílica das nossas matas, cada vez mais destruídas pelo agronegócio, faz do amarelo a representação de nossas riquezas, expropriadas pelo capital internacional" (BITTENCOURT, 2016, p. 46). Dessa forma, se em nome do auriverde pendão da pátria são cometidos os mais terríveis descalabros atos fascistas contra a democracia autêntica no Brasil, houve por outro lado resistência e crítica a estes que usurparam das cores da nossa bandeira que acolhe a grande barbárie envolvendo crimes não somente contra a esquerda, PT, mas difundindo crimes como o racismo, LGBTfobia, xenofobia, neonazismo, misoginia, apologia a crimes contra a vida e intolerância religiosa.

As manifestações vistas no Brasil por esses adeptos da intervenção militar e apoiadores de um golpe de estado estavam com camisas amarelas do Brasil com o brasão da CBF e ecoando liberdade como atos de cidadãos de bem. Eram "famílias brasileiras" nas ruas - ecoando (de novo) 1964 e as "Marchas da Família, com Deus e pela Liberdade" se apoiando em pedidos de intervenção militar entre outros atos antidemocráticos. Já as manifestações da esquerda eram de "defensores do PT" ou de "aliados de Dilma e Lula". As mídias golpistas ajudaram, assim, a consolidar a narrativa: famílias brasileiras x PT corrupto. Era o mote que permitiria abrir caminho para o extermínio de um dos campos políticos do país.

Esses que se declaram "cidadão de bem" defensores de "Deus, Pátria e Família" enalteceram, buscaram ser reconhecidos como os únicos dignos e exemplos da mentalidade moralista no Brasil, esses acreditam seguir piedosamente os pretensos e supostos bons costumes estabelecidos pela ordem normativa da sociedade tradicionalista e conservadora estando em oposição a um movimento progressista sistemático e coerente, dotado de organização. Contudo, numa análise racional, essa pessoa não cumpre aos fundamentos básicos da moralidade, que é a negação da exaltação de si. Ao ostentar suas pretensas virtudes, o cidadão de bem comete um grave erro contra a moral que afirma seguir. Essa pessoa tacanha, apesar de sua bonomia e estupidez, costuma defender apenas os chamados direitos humanos apenas aos que corroboram com as ideias e ideários que seguem como premissa para a vida em sociedade.

Estes grupos com ideários fascistas acabam sendo controlados pela mídia golpista e pelo mercado neoliberal e ainda pelo emaranhado de *Fake News* produzidos a todo instante por empresários,

latifundiários para manipular esses grupos desprovidos de senso crítico, analítico e que negam ou não reconhecem a verdade dos fatos por trás da manipulação da desinformação criado por apoiadores dos ricos e da classe média como detentores de interesses econômicos no Brasil. Chauí já alertava em 2013 que "a classe média é uma abominação ética, política e cognitiva. Abominação ética porque é violenta, abominação política porque é fascista, abominação cognitiva porque é ignorante" (CHAUÍ, 2013).

Esses grupos com ideários fascistas, conservadores, nacionalistas integralistas brincam de fazer política, manipulam as peças do jogo conforme seus interesses antidemocráticos e esse movimento vai fortalecendo entre a desinformação, desinteresse e pela política do controle das massas tendo o controle e fazendo dessa ala, massa de manobra para alcançar os preceitos que desejam.

Marques e Raimundo (2021) constatam a dicotomia nas redes sociais na internet, e apesar da democratização da informação, afirmam que existe uma tentativa de narrativa fortemente consolidada que favorece a propagação de *fake news* e fomentando o negacionismo científico reunindo e recrutando informações fragmentadamente subvertidas, indo na contramão da realidade vivida ao promover ideias errôneas ao cultuar as *fakes news* como verdades absolutas, o que fomenta cada vez mais o ódio, barbárie e a exclusão de identidades das políticas públicas.

Destarte, os congressistas eleitos tornam-se representantes dessa massa de manobra e se agarram sobre a defesa e crença da realização de um golpe de estado e não lutam pela construção de um Brasil melhor para todos, sendo um país diverso, plural, múltiplo e desigual, tal como pateticamente apregoam, mas pela maior liberdade para realizarem suas negociatas corporativistas escusas prejudicadas pelo governo PT e sua base aliada. São assim ladrões disfarçados com as vestes públicas da moralidade e dos bons costumes. As *fakes news* para esses grupos têm o valor de verdade em determinados meios, pois há uma identificação entre estes sujeitos, responsáveis pela produção das *fake news*, que circunscreve um conjunto de ideias para sustentar a sua cosmovisão.

Os grupos políticos da extrema direita não hesitam em utilizar a narrativa e em recriminar os governos comunistas e/ou de esquerda, pois se lá "vivessem e fossem descobertos em seus atos ilícitos desestabilizadores da coisa pública seriam inapelavelmente julgados, condenados e executados pelo tribunal revolucionário" (BITTENCOURT, 2016, p. 50). Se o Brasil fosse um país comunista toda a turba reacionária e autoritária que mescla teologia com politicagem e repleta de negacionismo científico dando lugar as inverdades e *fake news* esses já estaria devidamente defenestrada da coisa pública.

Destarte, o movimento desses grupos com ideários fascistas no Brasil revela suas variadas formas de manifestação por meio de máscaras políticas, desde o uso de uma retórica agressiva colocada como verdade absoluta, bem como a violência institucionalizada pelo atual governo federal. Ressalta-se que a violência fascista perpassa um recorte de gênero, raça e classe, secundarizando as minorias sociais

e colocando-as nas margens do sistema capitalista. A famosa frase de Bertolt Brecht “a cadela do fascismo está sempre no cio”, nos convida a refletir e a reafirmar que a luta tem que ser coletiva, anticapitalista e permanente, pois “as condições de luta e resistência contra as práticas fascistas estão postas na ação, na materialidade, no agir socialmente e politicamente (SOUSA JÚNIOR; PINTO, 2020, p. 131).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência e a história democrática no Brasil é frágil em nossa estruturação social. “Desde a fundação da República até o momento atual poucos anos de nossa trajetória política foram vivenciados conforme os efetivos paradigmas democráticos e seus princípios fundamentais” (BITTENCOURT, 2016, p. 48). O fato de vivermos formalmente sob o crivo de uma constituição democrática principalmente após a redemocratização após Ditadura militar que durou 21 anos (01 de abril de 1964 – 15 de março de 1985) não significa que de fato ela seja aplicada e vivenciada de acordo com a Constituição da República Federativa do Brasil, pois interesses políticos obscurantistas constantemente minam as bases de sua realização concreta, impedindo assim o estabelecimento do bem comum, vivemos nos últimos anos dia após dia numa instabilidade política pois a eminência de um golpe de estado, se revela como um sinal de alerta a ser combatido constante no país.

A real invenção da ideologia fascista ocorre na difusão de fake news com intermédio das tecnologias digitais de informação e comunicação, originalmente nas redes sociais, atingindo abertamente a população e criando um outro fenômeno que é o da “pós-verdade” decorrente da criação e do “envio de mensagens em massa” de fake news. Dessa forma, o fascismo soube utilizar as fake news como um verdadeiro instrumento de propagação de seus ideários e crenças, adaptando-se ao novo processo de comunicação da sociedade contemporânea.

Considera-se importante destacar ainda que a importante tarefa da sociedade civil, movimentos sociais, organizações e partidos que compreendem a diversidade de ideias questionar os aparelhos do estado mediante os fatos que se apresentam na sociedade de fortes evidências de ligação entre os políticas de extrema-direita, milícias, forças armadas e polícia, essa intimidade se explicita nos atos ocorridos nos últimos meses com pautas e ações de fechamento do Congresso nacional, do Supremo Tribunal Federal, do Senado Federal e reivindicando a volta da Ditadura Civil Militar entre outros.

Acredita-se que é urgente a reação dos movimentos sociais de forma organizada na perspectiva da eliminação dessa ideologia totalitária que avança a passos largos no Brasil. É previsos resgatar o verdadeiro significado da democracia e de tomarmos consciência crítica sobre esse cenário e romper

com a naturalização da realidade de cerceamento das liberdades democráticas, além de fortalecer as instituições no Brasil. Para tanto se faz necessário e urgente a retomada sistemática e contínua do trabalho de base, visto que se faz cada vez mais necessário a formação política de forma sistematizada da população que busca compreender as questões inerentes a política no Brasil, afim de responder as necessidades concretas de uma categoria profissional ou setor da sociedade, produzir quadros militantes para dirigir politicamente a luta econômica e para transformar pela raiz as estruturas da sociedade capitalista.

REFERÊNCIAS

BARROCO, M. L S. "Não passarão: ofensiva neoconservadora e Serviço Social". **Serviço Social e Sociedade**, n. 124, 2015.

BARROCO, M. L. S. "Direitos humanos, neoconservadorismo e neofascismo no Brasil contemporâneo". **Serviço Social e Sociedade**, n. 143, 2022.

BATISTA, A. C. **A cidadania e o discurso do "cidadão de bem" brasileiro** (Trabalho de Conclusão de Curso II). Guanambi: UNIFG, 2022.

BERNARDI, A. J, B.; MORAIS, J. A. "Fascismo à brasileira? Análise de conteúdo dos discursos de Bolsonaro após o segundo turno das eleições presidenciais de 2018". **Política e Sociedade**, vol. 20, n. 48, 2021.

BITTENCOURT, R. N. "Golpismo, doença congênita do fascismo". **Revista Espaço Acadêmico**, vol. 16, n. 180, 2016.

BOITO JUNIOR, A. "O neofascismo no Brasil". **Boletim LIERI**, vol. 1, 2019.

CALADO, S. S.; FERREIRA, S. C. R. "Análise de documentos: método de recolha e análise de dados". **DocPlayer** [2005]. Disponível em: <www.docplayer.com.br>. Acesso em: 23/01/2023.

CAVALCANTE, S. "Classe média e ameaça neofascista no Brasil de Bolsonaro". **Crítica Marxista**, vol. 50, 2020.

CIOCCARI, D.; PERSICHETTI, S. "A campanha eleitoral permanente de Jair Bolsonaro: O deputado, o candidato e o presidente". **Lumina**, vol. 13, n. 3, 2019.

D'ANCONA, M. **Pós-verdade**: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news. Barueri: Editora Faro, 2018.

FOUCAULT, M. "**História da sexualidade"**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Editora Graal, 2006.

GOODSPEED, D. **Conspiração e golpes de Estado**. Rio de Janeiro: Editora Saga, 1966.

HIGGS, J.; CHERRY, N. "Doing qualitative research on practice". *In*: HIGGS, J. **Writing qualitative research on practice**. Paderborn: Brill Sense, 2009.

KAKUTANI, M. **A morte da verdade**. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2018.

MARQUES, R.; RAIMUNDO, J. A. "O negacionismo científico refletido na pandemia da Covid-19". **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 7, n. 20, 2021.

MARTUSCELLI, D. E. "Polêmicas sobre a definição do Impeachment de Dilma Rousseff como Golpe de Estado". **Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas**, vol. 14, n. 2, 2020.

PÁDUA, E. M. M. **Metodologia da pesquisa**: abordagem teórico-prática. São Paulo: Editora Papirus, 2019.

SENHORAS, E. M. (org.). **Golpe ou Impeachment**: Debates sobre a Deposição de Dilma Rousseff. Boa Vista: Editora IOLE, 2022.

SILVA, A. E. A. "A conjuntura do golpe de 2016: uma análise de discurso crítica da mídia hegemônica brasileira". **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 3, n. 8, 2020.

SILVA, A. E. A. **O processo de legitimação discursiva do golpe de 2016 pela grande mídia**: uma análise de discurso crítica nas revistas veja e época (Dissertação de Mestrado em Linguística Aplicada). Fortaleza: UECE, 2019.

SILVA, M. G. "Golpe de estado: história e usos de um conceito". **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 4, n. 12, 2020.

SILVA, M. G. "Notas acerca do conservadorismo". **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 9, n. 25, 2022c.

SILVA, M. G. "Notas Acerca Do Fascismo". **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 10, n. 29, 2022a.

SILVA, M. G. "O fascismo do tempo presente no brasil". **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 12, n. 34, 2022.

SINGER, A. *et al*. "Por que assistimos a uma volta do fascismo à brasileira". **Folha de São Paulo** [2020]. Disponível em: <www.folha.uol.com.br>. Acesso em: 13/01/2023.

SOUSA JÚNIOR, A. R.; PINTO, J. A. S. "As faces do fascismo na atualidade e o papel dos movimentos sociais no processo de sua superação". **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 3, n. 8, 2020.

STANLEY, J. **Como funciona o fascismo**: a política do "nós" e "eles". Porto Alegre: Editora L&PM, 2019.

TJPR - Tribunal de Justiça do Paraná. "O perigo das fake news". **Portal Eletrônico do TJPR** [2020]. Disponível em: <www.tjpr.jus.br> Acesso em: 13/01/2023.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano V | Volume 13 | Nº 38| Boa Vista |2023

http://www.ioles.com.br/boca

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima